AFONSO CRUZ

O cultivo de flores de plástico

Companhia Das Letras

«Um dia morremos
e vemos Deus cara a cara e percebemos:
olha é o Kafka.»

1

Aproxima-se um carro. Os sem-abrigo estão todos em fila. O couraçado Korzhev grita com eles, esbraceja, arruma-os militarmente, mistura russo com português. Tem pequenos ícones de madeira pendurados na lapela de um velho casaco da Marinha, como se fossem condecorações. As calças rotas caem-lhe e ele puxa-as com frequência. Tem um cachimbo na boca. Tem palavras desmedidas na boca. Tem hálito de mar e de vodca. Arrasta a perna direita quando anda.

JORGE (quando chega a sua vez) Para mim, vegetariano.

SENHORA DE FATO Jorge, porque é que te... (emenda para segunda pessoa do plural) se tornou vegetariano?

JORGE Por causa da verdade.

Jorge é um homem seco, com colete de fotógrafo, com os bolsos cheios. As mãos tremem-lhe.

SENHORA DE FATO Por causa da verdade?

JORGE Um dia, ia a entrar no supermercado e uma rapariga entregou-me um folheto com a promoção do lombo de vitela. Eu disse-lhe que não queria, ela insistiu e eu disse-lhe que era vegetariano. Quando cheguei ao carro, pensei: porque é que fui dizer aquilo? Eu não sou mentiroso. Então, se não era mentiroso, era porque era vegetariano. Nunca mais comi carne. Tive de optar entre a vitela e a verdade. Escolhi os legumes.

O couraçado Korzhev está sentado num banco, no jardim. Depois de ter arrumado as pessoas, de ter formado uma fila geometricamente exacta, afasta-se. Não come nada, mas vai dando uns golos numa garrafa de vodca. Desdobra mapas. Pega em réguas e rabisca, desdobra mais mapas, dobra outros, faz mais traços e desenha linhas de vários ângulos, umas para cima, outras para o lado, outras arredondadas. Repete: Maldita perna, blya, maldita perna.

Outra vez:

Maldita perna.

Começa a arrumar os mapas num saco de pano.

JORGE (a gritar para o russo) Couraçado Korzhev, não comes?

COURAÇADO KORZHEV Nyet. Não tenho fome. Já passa outro carro, slava bogu.

A senhora de fato, junto com Lili — que tem os braços cheios de crostas — e Jorge, carregando as respectivas embalagens de comida, aproximam-se de Korzhev. O antigo oficial apressa-se a arrumar os mapas.

COURAÇADO KORZHEV Blya! Os mapas são muito difíceis de dobrar.

Tenta tapar os mapas com o corpo, para que os outros não vejam, enfia os mapas no saco, fecha o saco, põe-no atrás das costas.

Os outros começam a comer.

COURAÇADO KORZHEV Maldita perna.

SENHORA DE FATO Tinha uma amiga que entrou para a Igreja Adventista para emagrecer. Como eles não comem carne nem bebem álcool, ela achou que era mais saudável e que ia comer coisas que a engordariam menos.

JORGE Essa amiga eras tu?

SENHORA DE FATO (hesita) Não, Jorge, era mesmo uma amiga.

JORGE As ervas emagrecem. Era um bom plano.

COURAÇADO KORZHEV Hahaha, eu também sou vegetariano, blya, mas só entre as refeições.

SENHORA DE FATO Eu vivia bem. Tinha dois carros e saía à noite. Um era para ser fácil de estacionar, e o outro, maior, era para levar os amigos todos. E os gatos e o cão ao veterinário. Tinha de ser assim. Tudo na minha vida era alcatifado. Apanhava bebedeiras e ia trabalhar com olheiras. Era bom. Depois fui despedida e fiquei sem casa. Nunca tive filhos, que isso só empata a nossa vida profissional. Gostava de ouvir violoncelo e ia a concertos, percebe? Aqueles instrumentos que parecem uma pessoa a falar, mas que se põem entre as pernas. Gostava daquilo. E de alguns *cocktails*, o *manhattan*, que traz uma cereja. Agora

vou muitas vezes ver as pessoas a sair à noite, vê-las beber e rir. Fico a vê-las serem eu há uns meses.

LILI Às vezes, também gosto de ver os caracóis. Há muitas portas no mundo, mas prefiro olhar para dentro das janelas. É assim.

O couraçado Korzhev acende o cachimbo.

SENHORA DE FATO Caracóis?

LILI São os que têm casa. Nós somos mais como as lesmas. Somos um novelo de lesmas. Mas que.

Quando acabam de comer, Lili levanta-se. Pega num chaveiro e vai experimentando chaves nas fechaduras que encontra. Experimenta uma porta, abana a cabeça, passa para outra porta, chocalha o chaveiro, experimenta as chaves, abana a cabeça, passa para outra porta.

O couraçado Korzhev olha para ela. A senhora de fato faz um esgar de interrogação.

COURAÇADO KORZHEV Tem um objectivo, blya. Não é mau. Mas o mais difícil na vida não é ter um objectivo, é arranjar um que seja credível e possível de ser seguido. Nasdrovia!

Bebe um golo de vodca e benze-se.

JORGE Descobriu umas chaves, acha que são da casa dela.
SENHORA DE FATO E porque não as usa então nessa casa, em vez de andar a tentar noutras fechaduras?
JORGE Porque não se lembra de onde está a casa. Ou não sabe.
SENHORA DE FATO Como é que isso é possível?

Jorge encolhe os ombros.

SENHORA DE FATO Anda a experimentar todas as fechaduras da cidade?
JORGE Deve andar.

O cultivo de flores de plástico

Lili ocupa o tempo de sobra a experimentar chaves em portas. O couraçado Korzhev dobra e desdobra mapas e carrega no bolso conchas que lhe devolvem a maresia. A senhora de fato suspira pelo tempo em que vivia uma vida alcatifada, com dois carros, um cão e um gato. Jorge sabe que bastou um passo em falso para ir parar ali. É o que separa as pessoas que vivem em casas das pessoas que vivem na rua: um passo mal dado.

Num texto belíssimo, pleno de dor e ironia, Afonso Cruz imagina as vidas de um grupo de pessoas que vive «debaixo do mau tempo», abaixo da linha mínima da dignidade e conforto que deveria caber a cada pessoa. *O cultivo de flores de plástico* é um apelo para que olhemos para os seres invisíveis das nossas cidades.

Companhia Das Letras

«No fundo, é isso. Ninguém nos vê. Somos invisíveis. A miséria é uma poção de invisibilidade. Quando as roupas ficam rotas, quando estendemos uma mão, *puf*, desaparecemos. Somos as pombas dos ilusionistas. Isto dava para um negócio, dava para ganhar a vida com os turistas. Levava-os a ver fantasmas numa cidade assombrada. Levava-os a verem-nos. Olhem, damas e cavalheiros, meninos e meninas, esta é a Lili, tem saudades de ser criança, tem no nariz o cheiro do tabaco nos dedos do pai e crostas nos braços, por aqui, por favor, cuidado com os pés, não pisem as camas, parecem cartões, eu sei, ali ao canto está o couraçado Korzhev, que se deixou ficar, com os ícones na lapela, sigam-me, é um deserto meio russo e traz o barulho do mar nos bolsos, atenção, cavalheiro, saia de cima do cobertor, vejam, ali, ali ao fundo, uma genuína senhora de fato, que ainda há poucos meses andava a alcatifar o mundo, minhas senhoras e meus senhores, e ainda tem na voz restos da sua vida anterior, do tempo em que havia casas. Palmas, por favor. E eu? Eu sou o Jorge, também invisível como qualquer fantasma, vivo nas ruas. Obrigado, obrigado, e agora, se me permitem, vou comer a minha sopa que está a arrefecer há tantos anos.»

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
companhiadasletrasportugal
penguinlivros
ISBN 9789897849237
9 789897 849237 >